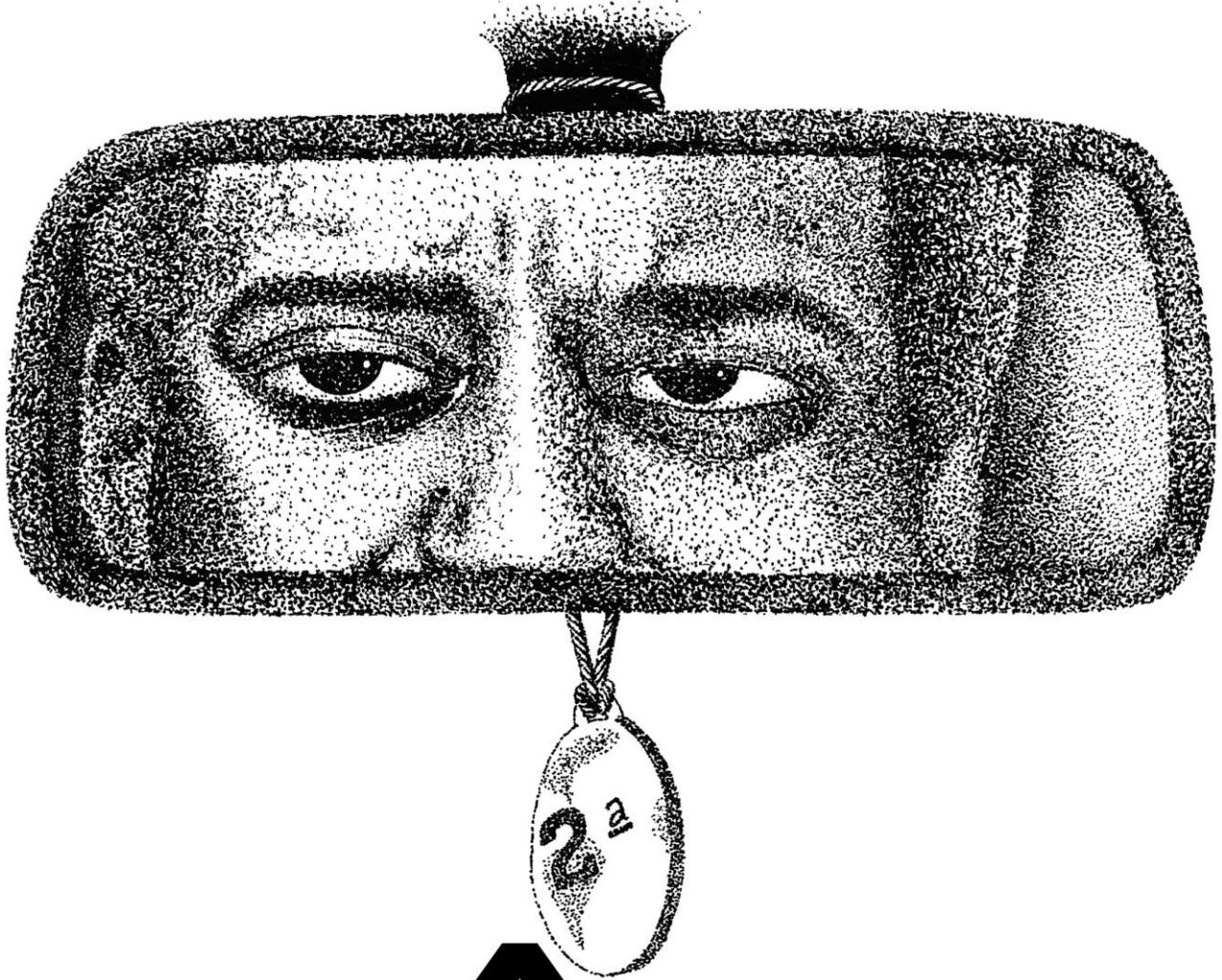


 **TERRITÓRIOS**  
afrofuturistas  
Novas narrativas para o sertão



# CRÔNICA DO FIM DO MUNDO

Bruno Trajano

realização

 **RESSONÂNCIA  
PRETA**

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI  
ALDIR  
BLANC  
CEARÁ



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO

 **PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Rômulo Fideles

**EQUIPE:**

**Organização: Kinaya Black**

**Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa**

**Revisão do texto: Samuel Maciel**

**Ilustração: Rômulo Fidelis**

**Capa: Jason Felipe**

## CRÔNICA DO FIM DO MUNDO

Bruno Trajano

Ele praticamente se arrastou para dentro do carro mal estacionado na calçada. Estava frio e silencioso. O céu nublado não ajudava muito no clima que se mantinha o mesmo nos últimos tempos. O corpo se acomodou como pôde no banco da frente. Com a visão direcionada ao interior do carro, puxou desatento a porta batendo-a no processo. O barulho seco e agora muito mais alto não o incomodou. Mas sua atenção foi tomada por outro som que se manifestou logo que ele ligou o veículo. Um bipe um tanto abafado era complementado por uma luz vermelha que piscava no painel do carro.

- Eu não vou botar o sinto porra! um tapa com sua força contida no último segundo foi desferido no painel. Segundos se passaram enquanto ele parecia desafiar o sistema que o alertava. Por fim, a contragosto puxou e afivelou o cinto.

- Sabe o que é mais louco? Você, sua porcaria que se acha inteligente! a voz grossa era projetada com os lábios quase fechados que seguravam um cigarro na boca. Mesmo apagado, ele era manejado como se estivesse aceso, e logo passava dos dedos para os lábios e de volta a suas mãos.

- Sistema estúpido... a irritação soou mais contida, enquanto manobrava o veículo em direção à rua. Quando finalmente se alinhou com a estrada vazia, suspirou e ordenou ao veículo:

- TOCAR CAIXA POSTAL! PRIMEIRA ENTRADA!

O painel continuou silencioso, com luz baixa em um tom verde se projetando pela poeira ali acumulada. As mãos tomaram o volante com força, a fúria materializada em seu corpo não era a correspondente à sua expressão quase esperançosa encarando a tela à sua frente. A mão afrouxou o volante e logo passou a guiar mais levemente enquanto o carro começava a se mover em uma velocidade

crescente. Pela visão lateral as pequenas casas agora se mostravam distantes, e dando lugar a construções maiores. Seus olhos foram atraídos instintivamente por uma nova pichação em um dos grandes prédios comerciais do centro da cidadezinha. Evitou ler até o fim, mas seu cérebro agora tentava adivinhar o final da sentença.

— Porcaria idiota! Agora faz silêncio, né! ele tentou voltar sua atenção para o interior do automóvel, acusando mais uma vez o sistema que permanecia sem emitir som algum.

Logo teve que diminuir abruptamente a velocidade do carro ao passar por um buraco que o chacoalhou em seu assento. Ao observar a rua com atenção, percebeu novas pilhas de lixo. Nos becos entre os prédios, líquidos escorriam, a coloração desses o fez questionar se aquilo era sangue ou dejetos, concluiu se tratar dos dois. Pedacos de vidro eram constantes por toda a calçada, enquanto mais palavras pintadas nas fachadas das lojas se amontoavam. Os grandes painéis outrora brilhantes e sempre transmitindo informações, agora estavam aos cacos. Tentou focar nos poucos inteiros, torcendo para que de alguma forma eles emitissem algo. Mas sabia que não havia mais energia ali para isso. Perto do sinal, cestos de metal formavam algo que poderia ser entendido como traves de gol. Mas, mais buracos se amontoavam pela via em que passava. Numa velocidade bem lenta, seguiu tentando identificar alguma presença escondida entre os prédios, algo que não tivesse perecido ao estado atual de todo aquele local. Enquanto desviava de mais um obstáculo na pista, achou ter visto sombras em um beco.

Forçou o olhar, mas desistiu ao perceber manchas vermelhas na parede. Um arrepio percorreu seu corpo. Se viu meses antes passando pelo mesmo local e observando da janela jovens esperando o transporte. Os risos de antes agora tentavam suprir o silêncio, mas sua mente não conseguiu se manter naquela lembrança. O terminal eletrônico pendia na calçada agora, todos os fios e cabos

tinham sido puxados e amarrados a fim de formar um laço. Se convencendo que qualquer um naquele local, não estaria são de qualquer maneira.

Afastou como pôde os pensamentos mais desagradáveis da mente, antes de falar em voz alta: – Bando de nojentos, né! disse em um tom quase tímido, como se não tivesse confortável em ouvir a própria voz. – Mas meio genial. Jogar futebol no meio da pista. Ao menos não deve ter outro motorista além de mim para atrapalhar o jogo... – tentou sorrir e balançar a cabeça movendo instintivamente o rosto em direção ao banco de trás.

– Mas essas latas se tiverem alguma comida com certeza vai encher de ratos e esses bichos.... – como se a resposta tivesse vindo do espaço vazio atrás de si, ele continuou a falar, ganhando mais confiança no diálogo – é tem razão, não tem mais ratos. Os bichos são mais espertos do que todo mundo. Mas só de pensar que mesmo com todo o fim do mundo e o inferno acontecendo ainda fizeram questão de limpar as ruas e jogar umas partidas... Ah porcaria – sua fala foi interrompida quando teve que desviar de última hora do que pareceu ser um braço mecânico – ...haha! Livres o suficiente é verdade.

Por mais um tempo manobrou em silêncio pelas ruas, no horizonte uma fumaça negra se manifestava. Na mesma direção que agora ele seguia. A placa que sobrevivia em pé por um único parafuso tinha uma série de sinais pichados, mas ao fundo ainda se lia: hospital.

– Hoje é um recorde, mal saí de casa e já cheguei aqui. Eu lembro que quando Marta veio pra cá pra ter o Jorge, foi uma viagem de pelo menos uma hora. Ela sempre foi muito mais forte do que eu. Aguentar toda a dor que eles dizem que se sente e ainda ter tempo pra reclamar que eu dirijo devagar demais. Haha, eu estava evitando as drogas dos buracos – à sua frente um prédio se agigantava, várias janelas em andares superiores tinham suas vidraças quebradas e carros abandonados se enfileiravam à frente das grandes portas do hospital.

– Esse lugar está bem depenado. E pior que tenho até uma receita por aqui. Haha. Grande porcaria, né? Eu devia ter pegado mais analgésicos e coisas pra dormir quando o povo estava correndo por suas vidas, e não botando fogo nelas. – Seus olhos acompanharam a fumaça escura até sua fonte, em um quarto nos andares mais altos. Não parecia que o fogo havia se espalhado, era provável até que o culpado ainda estivesse ali. Sua cabeça se movimentou em negação e suspirou enquanto falava – quanta idiotice! O nosso primeiro instinto é mesmo destruir tudo quando acabam as esperanças? Eu até entendo mais os que se perderam pelos becos. Eu mesmo acho que os analgésicos não estão mais fazendo efeito mesmo. – Mais uma vez, começou a manobrar o veículo a fim de evitar os outros carros no caminho. No entanto não fez questão de acelerar depois de evitar todos os obstáculos.

– É, eu conheço bem esse lugar, mas nunca vivi muito por essas bandas. Lembro que era a grande promessa do novo governo. Uma nova terra só nossa para estragar como quiséssemos. Mas sabe quando a novidade passa e tudo vira só mais algo comum na rotina? Acho que foi isso que aconteceu. Os velhos hábitos voltaram rápido demais. Sabe aquele prédio ali? É a universidade. Já deixei muita gente aqui. Eu gostava de fingir que estava dando um tour pra eles. Sim eu era bem bobo. Mas meu moleque se divertia. A Marta nunca gostou que eu a trouxesse.

Dizia que não queria dar trabalho, e se o transporte era de graça a gente tinha que usar. Mas eu sempre vim deixar e buscar. – O silêncio reinou novamente ao fim das palavras. Seu veículo era agora o único parado em frente a faixa de pedestres que brilhava quase em neon.

– TOCAR CAIXA POSTAL! PRIMEIRA ENTRADA!

O silêncio continuou.

- Porcaria de máquina! Porcaria de computadores nessa porcaria de mundo. Sabe quando seria legal vocês ficarem caladas? Quando quiseram anunciar o fim do mundo! Ele continuou dirigindo e vociferando contra a fraca luz no painel.

- Ou pelo menos fazer alguma coisa antes! Do que adiantou ficar sabendo dessa merda toda, se não tem nada que possa ser feito? Todo esse avanço e essas palhaçadas pra fazer o que no final? Nem pra tocar a minha mensagem caralho! Sua mão aberta bateu com força no volante. E com a voz rouca tentou mais uma vez o comando que havia aprendido.

- Tocar... Caixa Postal... Primeira... Entrada! Por favor, eu só quero ouvir a voz dele...

O silêncio no carro só era interrompido pelo barulho das rodas no asfalto que encontravam pedaços de vidro e outros objetos pelo caminho. Ocasionalmente ele tinha que fazer manobras mais fechadas para evitar os empecilhos no meio da rodovia. Não havia sinais de pessoas por ali.

- Tá bom. Tanto faz mesmo. Mas aqueles comprimidos do hospital ajudariam com isso - suspirou enquanto estreitou os olhos identificando o bar com suas portas quebradas, não muito longe. - Nem o bar tem mais nada. Finalmente zerou o estoque né seu velho rabugento e ignorante. Falou em uma voz pesarosa. Lá dentro não era fácil distinguir o que fazia parte do bar e o que foi só jogado lá. Mas ao lado, em pequeno espaço ainda esverdeado, via-se montes de terra com lápides improvisadas. Garrafas de bebidas vazias compunham o cenário desconcertante.

Suas mãos voltaram a tocar o cigarro agora alojado na orelha. O trouxe à boca e voltou a falar cerrando os lábios para manter o cigarro neles: - Eu não sei como funciona a sua energia seu carro imbecil. Eu sei que você é a única coisa que ainda liga direito e eu não sei se você está perto de desligar ou não, seu monte de lixo. Sei lá onde está a porcaria do manual. Eu só queria ouvir minha gravação. Você já funcionou antes. Me ajuda ou sei lá. Eu só preciso que toque a voz deles. Tocar Caixa Postal...Primeira Entrada!

Após o silêncio, o veículo ganhou velocidade. Inquieto, notou pelo retrovisor, quando passou pelo prédio da pichação. As palavras voltaram à sua mente de maneira meteórica.

"Vamos morrer..."

- Sozinhos aqui! completou com um sussurro, enquanto a marcha era reduzida automaticamente, fazendo o automóvel diminuir seu passo.

O carro finalmente parou de volta ao local de onde partira. Por um momento o homem ali dentro olhou desesperançoso para o painel. Até ser pego de surpresa pelo próprio olhar que o desafiava no reflexo. Sua cabeça procurou o espelho. Viu como sua barba crescia irregular, os olhos visivelmente cansados tinham tons de vermelho. A mão percorreu o rosto e pôde notar as unhas sujas de terra. A pele negra se destacava do interior acinzentado do automóvel. As mãos se uniram em frente ao rosto. Vagou por pensamentos. Quantos dias sem dormir? Quanto tempo sem nenhum analgésico? Quanto tempo desde que havia visto alguém são? Há quanto tempo tinha visto alguém?

Por hábito tocava agora a tatuagem no braço, refazendo com os dedos o contorno do desenho. A forma de um machado em traços característicos. Ao fim do movimento um sussurro em forma de prece foi proferido, mesmo que parecesse que não movia os lábios. Sem que pensasse muito, havia estacionado perfeitamente. Estava de volta à mesma posição de antes em frente sua casa.

Olhou novamente para o painel, e as fracas luzes. As palavras subiram até sua garganta e retornaram de novo para dentro de si. Sua atenção foi capturada novamente quando uma sombra passou em seu espaço de visão periférica. Logo se mexeu a fim de confirmar, mas o que quer que fosse, estaria já atrás da casa. Com um movimento rápido e impulsivo, saiu do carro ainda procurando a sombra. O céu nublado não fornecia vantagem alguma para sua busca. Continuou a investida de volta ao seu lar, empurrando com força a porta do carro, de maneira que ele mesmo



se surpreendeu com o barulho. No entanto sem demora continuou o caminho para dentro da residência. Sua mão indo de encontro ao cigarro na orelha e o realocando nos lábios. Seus olhos estranharam a luz que brilhava lá dentro.

No veículo o painel ainda aceso finalmente fez um som, ao receber o impacto da porta. Ele se propagou ali dentro, mas sem chance de ser ouvido lá fora, por logo ser abafado pelo ambiente fechado. As palavras da assistente de inteligência artificial eram sempre otimistas:

- Defeito no autofalante! Leve ao seu técnico para uma revisão! Tocando Mensagem zero um da sua caixa postal. Reproduzindo: - Oi, pai, sou eu! É tão difícil acostumar com as diferenças das horas, acaba que eu nunca consigo pegar você acordado! Só queria dizer que está tudo indo muito bem. Tudo dentro dos planos e o William mandou um beijo pra você e pra mãe. Ele vai terminar de apresentar os estudos dele. E a gente já volta direto. Acho que não fui feito pra esse clima tão pesado e burocrático. Aí vamos até encurtar um pouco a viagem. Não sei se o senhor viu, mas o governo decidiu cortar gastos e tão diminuindo os fundos da universidade internacional. Dá pra acreditar? Mas vê se aproveita o carro e não fale muito da gente pros passageiros. Te amo pai.

- Fim da mensagem! Reproduzindo entrada, zero dois: - Ei, pai, já estamos com passagem comprada. Acho que ainda não anunciaram nada oficialmente, mas aqui já está rolando uns boatos de crise no sistema de luas. Ninguém na universidade fala nada também. Rolou algumas reuniões, mas estrangeiros não foram convidados. Haha, sei que você diria como é coisa desse tipo de gente. Mas eu e o William éramos esse tipo de gente também. Enfim, ainda não sei o que exatamente está acontecendo de errado no mundo. Mas não se preocupe, logo estamos de volta.

- Fim da mensagem! Reproduzindo entrada, zero três: - Oi, pai, a mãe falou que você anda muito preocupado com tudo isso de fim inevitável e reorganização de

zonas, mas vai ficar tudo bem! Logo estou chegando! Fica em casa esses dias, eu sei que a cidade é pequena, mas ainda pode ser perigoso! Aqui... Ei, SAI DAQUI! WILLIAM, FICA PERTO DE MIM... Olha pai, aqui está meio louco, mas nada demais... Amanhã a gente já se vê. Por enquanto ainda podemos usar os vistos da universidade. Vamos pegar a nave hoje à noite.

- Fim da mensagem! Mensagem de novo remetente com nome: GOVERNO DA NOVA TERRA, reproduzindo entrada: - PEDIMOS A TODAS AS PESSOAS QUE SE MANTENHAM SEGURAS E FIQUEM EM SUAS RESIDÊNCIAS. A GUARDA ALIADA E INTERNACIONAL SERÁ POSTA NA RUA PARA GARANTIR A SEGURANÇA E O CUMPRIMENTO DA ORDEM. ESSE MOMENTO É UMA PROVAÇÃO PARA SUA FÉ. CUIDE DE SEUS ENTES E NÃO VAMOS SUCUMBIR A ESSES ATOS DE VIOLÊNCIA E TERRORISMO. RESPEITEM A PROPRIEDADE DE SEUS IRMÃOS E MANTENHAM A ORDEM. ESSE SEMPRE FOI O NOSSO LAR E ASSIM COMO EU, ESPERO QUE TODOS POSSAM APROVEITAR ESSES DIAS COM QUEM SE AMA! ASSINADO: CÁSSIO SOARES DE TEODORO, MINISTRO DA ORDEM E DEMOCRACIA DA NOVA TERRA.

- Fim da mensagem! Existem mensagens não reproduzidas, para interromper a reprodução apenas fale o comando. Reproduzindo: - Ei, cara, sinto muito pelo Jorge e o marido dele! E a Marta, nossa, sério... Olha eu realmente sinto muito, eu queria estar aí por perto, mas eu preciso ir buscar meus pais, eles vivem no litoral, dizem que lá está pior ainda. Nem se compara aos saques daqui. E até o jornal acabou então não sei se já foram afetados. Enfim, desculpa mesmo. Eu volto logo, evita sair pra não dar de cara com nenhum dos insanos. Enfim abraço irmão.

- Fim da mensagem! Deseja ouvir novamente ou responder algum remente? Alerta, rede principal sem conexão. A rede interna Solaris será conectada e uma tarifa poderá ser cobrada. Atenção, novo diagnóstico disponível, reproduzindo dados: ALERTA! Energia armazenada abaixo dos Vinte e Cinco por cento! Conecte os

painéis solares do seu veículo para um melhor desempenho. Lembre-se de *re-energizar* seu veículo com uma fonte de energia sustentável e aprovada pela nova terra. Entrando em modo de economia. Até amanhã Hector!